



καὶ λεκιθίταν οὐκ ἀπωθεῖται.  
 πότερ' ἀπίωμεβ ἢ λαβώμεθα;  
 εἰ μὲν τι δώσεις· εἰ δὲ μὴ, οὐκ ἔασομες·  
 ἢ τὰν θύραν φέρωμες ἢ τὸ ὑπέρθυρον  
 ἢ τὰν γυναῖκα τὰν ἔσω καθημέναν·  
 μικρὰ μὲν ἔστι, ῥαδίως νιν οἴσομες. 15  
 ἂν δὴ τι φέρης, μέγα δὴ τι φέροις·  
 ἄνοιγ' ἄνοιγε τὰν θύραν χελιδόνι·  
 οὐ γὰρ γέροντές ἐσμεν, ἀλλὰ παιδία.

Já chegou, já chegou a andorinha!  
 Traz a estação boa  
 e o bom tempo do ano,  
 no peito branca  
 no dorso preta. 5  
 Não fazes rolar um bolo de fruta seca  
 da tua casa opulenta  
 e uma taça de vinho  
 e uma cesta de queijo  
 e trigo? A andorinha 10  
 também não rejeita um pão de legumes.  
 Vamos embora ou levamos alguma coisa?  
 Se alguma coisa nos deres; se não deres,  
 [não te largamos:  
 ou levamos a porta ou o lintel  
 ou a mulher que está lá dentro sentada. 15  
 É pequena, é fácil levá-la.  
 Se nos vais dar alguma coisa, que seja grande!  
 Abre, abre a porta à andorinha:  
 não somos velhos, somos meninos!

Ateneu acrescenta que o canto popular fora introduzido na ilha de Rodes por Cleobulo, tirano da cidade de Lindos c. 600 a.C.<sup>4</sup>, numa altura em que houve necessidade de recolher dinheiro. Apesar do tom anedótico desta

<sup>4</sup> Cleobulo de Lindos figura na lista dos Sete Sábios de Platão (*Prt.* 343a) e de Pausânias (10. 24. 1), mas Plutarco não o considerava digno desta distinção (*de E apud Delphos* 3. 385d).

última informação, ela sugere que a canção ródia da andorinha pode remontar à época arcaica, ao séc. VII ou VI a.C<sup>5</sup>.

O último verso indica que o canto popular era entoado por crianças, à semelhança dos que ainda hoje se ouvem em algumas regiões de Portugal nas vésperas do Dia de Todos os Santos, como aquele que é cantado em Coimbra:

Bolinhos e bolinhós  
para mim e para vós,  
para dar aos finados  
que estão mortos e enterrados.

À porta da velha: truz, truz, truz!  
A senhora está lá dentro  
sentada num banquinho.  
Faz favor de vir cá fora  
para nos dar um tostãozinho ou um bolinho.

Esta casa cheira a vinho,  
aqui mora algum santinho (ou anjinho).

Esta casa cheira a broa,  
aqui mora gente boa.

*ou*

Esta casa cheira a alho  
aqui mora algum espantalho.

Esta casa cheira a truta  
aqui mora algum filho da p...

Embora digam respeito a momentos diferentes do ano, estas canções de crianças têm um objectivo comum – recolher alimentos ou outras ofertas – e partilham o mesmo tipo de persuasão. Num primeiro momento, o pedido é apresentado de forma simpática e em nome de outras figuras (da andorinha ou

---

<sup>5</sup> No entanto, a datação do poema e o estabelecimento do texto suscitam discussão. Sobre estas questões controversas, vide especialmente Lambin 1992 e Martín Vázquez 1999.

dos finados). Num segundo momento, o dono da casa é confrontado com as consequências da sua decisão e, na canção ródia, é literalmente ameaçado (v. 13): caso nada dê, arrisca-se a perder uma parte da habitação ou da família (a mulher, é de supor). Curiosamente, as duas canções sublinham que uma senhora se encontra dentro de casa, sentada, decerto porque se tivesse vindo à porta não recusaria o pedido das crianças. Na canção portuguesa não há propriamente ameaça, mas geralmente o ouvinte sabe que será brindado com elogios, ditos trocistas ou insultos, conforme a sua resposta. Note-se ainda que se o emprego do vocábulo 'tostãozinho' pode ser um indício da antiguidade do canto, a menção do vinho e da broa atesta o seu cunho popular e reforça o confronto temático com a canção ródia da andorinha (cf. vv. 6-11).

Por conseguinte, não obstante a distância geográfica e temporal, os dois cantos populares têm vários aspectos em comum e confirmam que algumas tradições não conhecem fronteiras.

Citamos, para concluir, a bela versão de Marguerite Yourcenar, publicada em *La Couronne et la Lyre* (Paris, 1979, 139-140), que respeita o ritmo e a rima característicos das canções populares e que também estão presentes no poema original:

#### CHANSON DE RHODES

L'hirondelle, l'hirondelle,  
Ramenant la saison belle,  
Et la bonne année avec elle!

Pour l'hirondelle au ventre blanc,  
Pour l'hirondelle au dos tout noir,  
Donne à manger et donne à boire!

Donne du fromage et du flan,  
Du pain blanc et du raisin sec,  
Pour l'hirondelle au joli bec!

Donne! Nous te remercierons!  
Mais autrement nous resterons,  
Ta porte nous démolirons!  
Autrement, nous emporterons

Ta femme assise auprès du feu!  
Elle est menue et pèse peu!

Donne! Donne et grande bien te fasse!  
L'hirondelle aussi te rend grâce!  
Nous ne sommes pas des méchants,  
Mais rien que des petits enfants!

#### Referências bibliográficas

- Caballero López, J. A. 1989. "Canciones de niños en la Grecia clásica", in *Actas del Congreso Español de Estudios Clásicos*. Madrid: 83-90.
- Campbell, David A. 1993. *Greek Lyric. Vol. V: The new school of poetry and anonymous songs and hymns*. Cambridge, Mass.
- Lambin, G. 1992. *La chanson grecque dans l'Antiquité*. Paris: 361-366.
- Martin Vázquez, L. 1999. "The Song of the Swallow", *CFC: egi* 9: 23-39.
- Page, D. L. 1962. *Poetae Melici Graeci*. Oxford. [PMG]
- Rodríguez Adrados, F. 1980. *Lírica griega arcaica (poemas corales y monódicos, 700-300 a.C.)*. Madrid: 46-47.
- Rodríguez Adrados, F. 1981. "La canción ródia de la golondrina y la cerámica de Tera", in *El mundo de la lírica griega antigua*. Madrid: 311-331.
- Thompson, D'Arcy W. 1936. *A Glossary of Greek Birds*. London: 319-320.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA